

“Só existe uma coisa pior que a Meningite, não saber nada sobre a Meningite”: analisando publicações acerca da epidemia de meningite no jornal Voz Diocesana (Campanha - MG, 1974 - 1975)

*“Solo hay una cosa peor que la meningitis, no saber nada sobre la meningitis”:
analizar las publicaciones sobre la epidemia de meningitis en el diario Voz
Diocesana (Campanha - MG, 1974 - 1975)*

Edivaldo Rafael de Souza

Pós-graduado em Biblioteconomia (Faculdade Futura) e graduando em Serviço Social (UNISA);
Especialista em Metodologia do Ensino de Sociologia (ISEAT); graduado em História (UNIPAM)
E-mail: edivaldorafaelo07@gmail.com

Resumo: Esse artigo serve-se de materiais jornalísticos publicados no jornal *Voz Diocesana* da cidade mineira de Campanha, nos anos de 1974 e 1975, para dissertar sobre como a epidemia de meningite vigente, àquela época, era retratada no dito meio de comunicação. Ressalta-se que, após a pesquisa, foi constatado que as publicações eram de caráter apenas explicativo e preventivo, não sendo, assim, possível fazer levantamentos, por exemplo, em relação a óbitos e/ou casos de enfermos acometidos por tal surto, considerando a região supracitada. Nesse sentido, o realizador deste trabalho, mesmo com bastante empenho, não obteve tais dados. Entretanto, pontua-se que, no desenrolar da pesquisa, abriram-se discussões sobre fontes diversas e novos objetos de investigação. Assim, entende-se que o artigo possui várias análises e abordagens de fatos que permeiam o tema principal e que podem ser de bastante valia para a compreensão do recorte dado ao texto.

Palavras-chave: Epidemia de Meningite de 1974. Jornal *Voz Diocesana*. Campanha (MG). Imprensa brasileira durante a ditadura militar.

Resumen: Este artículo utiliza materiales periodísticos publicados en el periódico *Voz Diocesana* de la localidad minera de Campanha, en los años 1974 y 1975, para hablar de cómo se retrató en dichos medios la epidemia de meningitis vigente en ese momento. , luego de la investigación, se encontró que las publicaciones eran de carácter explicativo y preventivo únicamente, por lo que no es posible realizar encuestas, por ejemplo, en relación a muertes y / o casos de pacientes afectados por tal brote, considerando la región antes mencionada. En este sentido, el director de este trabajo, incluso con mucho esfuerzo, no obtuvo tales datos. Sin embargo, se señala que en el transcurso de la investigación se abrieron discusiones sobre diversas fuentes y nuevos objetos de investigación, por lo que se entiende que el artículo cuenta con varios análisis y aproximaciones de hechos que permean el tema principal y que pueden ser de muy valioso para comprender el corte que se le da al texto.

Palabras clave: Epidemia de meningitis en 1974. Periódico *Voz Diocesana*. Campanha (MG). Prensa brasileña durante la dictadura militar.

Considerações iniciais

Esta sucinta pesquisa analisa algumas publicações do *Jornal Voz Diocesana*³⁵, que foram realizadas na cidade mineira de Campanha³⁶ durante os anos de 1974 e 1975. A escolha desse recorte temporal para análise se deve ao fato de que, nesse ínterim, o Brasil enfrentava grave crise de saúde pública em decorrência de uma epidemia de meningite. Analisa-se, aqui, como o referido jornal auxiliava as pessoas localizadas em diversas cidades do Sul de Minas a terem informação sobre a doença, bem como algumas outras notícias relacionadas a esse episódio.

No que tange ao espaço de tempo identificado nesta pesquisa, ressalta-se que o Brasil estava vivenciando um período de ditadura militar, que havia se iniciado em 1964 e que perduraria até o ano de 1985.

A epidemia de meningite e a imprensa brasileira em tempos de ditadura militar (1964-1985): uma sucinta análise

No início dos anos 1970, quando ocorreram os primeiros casos do surto epidêmico, houve tentativa por parte do presidente Emílio Garrastazu Médici (1905-1985) de camuflar a epidemia, isso em decorrência principalmente da questão econômica. Ou seja, para o presidente, as informações sobre a epidemia poderiam atrapalhar o chamado “Milagre Econômico (1968-1973)³⁷”. Já em 1974, quando a doença estava em estágio mais grave, Ernesto Geisel (1907-1996) assumiu a presidência, mas, de imediato, continuou a tentar ofuscar a questão da saúde brasileira.

É interessante ressaltar que as produções que não se enquadravam naquilo que o governo militar acreditava como sendo o correto acabavam sendo censuradas por comissões que analisavam a imprensa brasileira. Dito isso, segundo Barbosa (2010, p. 187), “[a] censura política, conduzida em momentos de autoritarismo, geralmente age de forma intermitente, mas não constante, e de maneira diferenciada em relação aos veículos de comunicação”. A tentativa de controle por parte do governo militar afetava todas as áreas, inclusive a área da saúde. De acordo com Souza (2020, p. 269), o surto epidemiológico era visto “[...] pelos militares como um inimigo do regime, [...]. Profissionais de saúde e imprensa foram proibidos de informar à população do perigo crescente. Relatórios e estatísticas de casos identificados e óbitos foram omitidos e alterados, gerando subnumeração”.

³⁵ As frações jornalísticas aqui analisadas podem ser encontradas no Acervo Digital da Biblioteca Nacional. [Link para acesso: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=585971&pesq=%22meningite%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=585971&pesq=%22meningite%22).

³⁶ Campanha é a cidade mais antiga do Sul de Minas. Dentre outras características, é conhecida por fazer parte do Circuito das Águas. Atualmente, sua população estimada é de 16.665 pessoas. Ainda sobre a história do município: “Freguesia criada com denominação de Campanha da Princesa da Beira, por carta régia de 1752, e por lei estadual n. 2, de 14-09-1891, subordinado ao município de São João Del Rei. Elevado à categoria de vila com a denominação de Campanha da Princesa da Beira, por alvará de 20-09-1798, desmembrado de São João Del. [...]. Elevado à condição de cidade, com a denominação de Campanha, pela lei provincial n. 163, de 09-03-1840”. Olhar referência: IBGE – Cidades (2020).

³⁷ Para saber mais sobre o tema, consultar Veloso; Villela; Giambiagi (2008).

Destaca-se que, em 1950, havia ocorrido a primeira transmissão da televisão brasileira³⁸. Embora, conforme Barbosa (2010, p. 178) pontua, “[...] a televisão adotará a estratégia de popularização da sua programação, capitaneada pelo aumento de consumo possibilitado também pela política expansionista de crédito”. Posto isso, entende-se que

[...] a TV brasileira e sua programação promoveram a constituição da consolidação de um imaginário coletivo nas décadas de 1960 e 1970, tornando-se peça efetiva e eficaz na produção de significados para a vida social, em especial para o exercício do poder, dentro de um contexto histórico caracterizado pelo autoritarismo da ditadura militar (WANDERLEY, 2006, p. 438).

Em continuação ao debate em torno da censura aos jornais, alguns textos e notícias que eram publicadas em periódicos acabavam sendo substituídas pelos órgãos reguladores da imprensa. Um exemplo disso é o texto publicado no jornal *Estadão* (SP), no qual o jornalista Clóvis Rossi (1943-2019) escreveu, em 1974, uma matéria chamada de “A epidemia do silêncio”; nela era abordada a tentativa por parte do governo militar de ocultar informações ligadas à epidemia de meningite; no fim, o texto foi censurado e acabou sendo substituído pelo poema intitulado de “Canto I” excerto do livro “Os Lusíadas”, escrito pelo escritor português Luís Vaz de Camões. Sobre a tentativa de o governo camuflar os dados e as notícias, Souza (2020, p. 265-266) argumenta que “[a] epidemia foi resultado de planejamento e gestão inadequadas. Eclodida, recebeu o mesmo tratamento dos demais adversários políticos do regime: negação, perseguição e censura”.

Ainda em nexa à atitude governamental, de acordo com Barbosa (2010, p. 187), “[n]o período imediatamente após o golpe e até 1968, a forma mais comum de controle da informação é o telefonema para as redações de jornais proibindo a divulgação de notícias. Mas é principalmente a partir da edição do AI-5 que a ação da censura é mais contundente”.

Salienta-se que, durante a ditadura militar brasileira ocorrida entre os anos de 1964 a 1985, foram instituídos vários Atos Institucionais (A-I). Quando a epidemia proliferava por todo território nacional, estava em vigor o de número 5, explicado pela cientista política Maria Celina D’Araújo:

[o] Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados (D’ARAÚJO, s. d., s. p.).

Entretanto, “[a] pesar das restrições do governo militar na divulgação de informações, parte da imprensa cobriu a epidemia” (BRASIL, 2020, s. p.). Aliás, os principais

³⁸ Sobre a História da televisão no Brasil, olhar: Ribeiro; Sacramento; Roxo (2010).

jornais brasileiros³⁹ presentes nas grandes cidades divulgavam algumas notícias relacionadas à dita pestilência. Schneider, Tavares, Musse (2015, p. 8) identificam que as matérias sobre o fato, porém, “[...] intensificaram-se à medida que a doença ia se aproximando da classe média e da elite. Ou seja, enquanto a doença era de pobre, não tinha quase importância. Só ganhou mais espaço na mídia quando atingiu a população com maior poder de pressão”.

Ademais, os pequenos jornais eram essenciais para a difusão da notícia em cidades do interior do Brasil. Concomitantemente a isso, reitera-se a importância da pesquisa sobre esses meios de comunicação brasileiros, pois, por meio deles, pode-se entender diferentes temas que ocorreram em diferentes períodos no Brasil. Posto isso, nessa perspectiva enquadra-se o jornal *Voz Diocesana*.

A imprensa campanhense: uma concisa contextualização

O jornal *Voz Diocesana* foi fundado em 1947, na cidade mineira de Campanha. Por pertencer à diocese da cidade de mesmo nome, ele publicava de forma comumente assuntos relacionados à esfera religiosa, como textos, orações e notícias eclesiais; além de ofícios dirigidos pela Cúria Diocesana⁴⁰ de Campanha. Mas o veículo de comunicação em questão também trazia outros temas que poderiam ser de interesse da sociedade campanhense e do Sul de Minas em geral, já que o jornal tinha assinantes e leitores em diversas outras localidades daquela região⁴¹. Dentre esses outros temas, destacam-se a coluna de sugestão e elogios; a de aniversariantes; a de anúncios publicitários; a de avisos e agradecimentos; as colunas regionais e nacionais; e as de notícias diversas. Mas é necessário ponderar que, em conformidade com Luca (2014, p. 139), sabe-se que “[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”.

³⁹ Dentre esses grandes jornais, destacam-se: *Jornal do Brasil* (RJ), *O Fluminense* (RJ), *Diário de Notícias* (RJ), *Tribuna da Imprensa* (RJ), *Diário de Pernambuco* (PE), *Correio Braziliense* (DF), *Diário do Paraná* (PR), *Diário de Natal* (RN), *Jornal do Commercio* (AM), *O Estado do Mato Grosso* (MT), *Diário da Noite* (SP), *Estadão* (SP), dentre outros.

⁴⁰ “Cúria Diocesana é o conjunto de organismos e pessoas que ajudam o Bispo no governo de toda a Diocese (Cân. 469). A nomeação dos que exercem ofícios na Cúria compete ao Bispo Diocesano (Cân. 470); estes devem prometer que cumprirão fielmente o encargo, segundo o modo determinado pelo direito ou pelo Bispo (Cân. 47). Verificar: Diocese de Campanha (2016).

⁴¹ Além de Campanha, onde estava localizado o jornal, o mesmo era comercializado em outros locais, tais como: Aiuruoca, Boa Esperança, Cambuquira, Campo do Meio, Campos Gerais, Careçu, Carmo da Cachoeira, Carmo de Minas, Caxambu, Conceição do Rio Verde, Cordislândia, Córrego do Ouro, Cristina, Elói Mendes, Guapé, Heliadora, Ilícinea, Itanhandu, Jesuânia, Lambari, Nepomuceno, Pedralva, São Gonçalo do Sapucaí, São Lourenço, Três Corações, Três Pontas, Varginha e Virgínia.

Figura 1: Informações do jornal *Voz Diocesana*

Fonte: *Voz Diocesana*, Campanha, 20 nov. 1974, s. p.

A instituição responsável pelas publicações era a Diocese de Campanha⁴². Já o diretor do jornal era o Monsenhor José do Patrocínio Lefort⁴³, chanceler do Bispado. Em relação a esse último, nesse ínterim, sabe-se que, além de ser Monsenhor e diretor do jornal *Voz Diocesana*, ele atuava em outras áreas, exercendo o ofício de escritor, professor, jornalista e historiador. Foi devido a isso, inclusive, que escreveu vários livros sobre a história de cidades do Sul de Minas. Ainda se fez autor de importantes biografias de personalidades religiosas daquela região, como as biografias intituladas “Nhá Chica: Francisca de Paula de Jesus Isabel (1989)”, e “Padre Vítor: o campanhense trespontano (1989)”. Observa-se que tanto Nhá Chica (1810-1895)⁴⁴ quanto Padre Victor (1827-1905)⁴⁵ foram beatificados pela Igreja Católica. Ambos viveram em municípios que faziam parte da Diocese de Campanha.

Quando se pesquisam fontes sobre essa cidade, identifica-se que alguns outros jornais surgiram nessa localidade. O primeiro deles foi o jornal *Opinião Campanhense*, fundado em 1942. Ademais, destacam-se: *O Sul de Minas*, *Colombo*, *A Revolução*, *Ensaio Juvenil*, *Minas do Sul*, *Monitor Sul Mineiro* e *Gazeta de Campanha*⁴⁶. Porém, indubitavelmente, um dos que conseguiram maior expressão foi *O Sexo Feminino*⁴⁷, surgido em 1873, considerado um dos pioneiros na busca pelo espaço das mulheres nos meios de comunicação brasileira, além de sempre fomentar a luta pela igualdade de gênero.

⁴² Para saber mais sobre a história da Diocese de Campanha, verificar a referência: Diocese da Campanha (s. d.).

⁴³ Sobre a trajetória de vida do Monsenhor supracitado, ver: Blog Isto é Campanha (s. d.).

⁴⁴ Francisca de Paula de Jesus nasceu em Santo Antônio do Rio das Mortes, distrito de São João Del Rei (MG), mas viveu a maior parte de sua vida em Baependi (MG). Ver: Nhá Chica (s. d.).

⁴⁵ O Padre Francisco de Paula Victor nasceu em 12 de abril de 1827 em Campanha (MG). Sua beatificação ocorreu em 2015. Olhar: Beato Padre Victor (s. d.).

⁴⁶ Boa parte do acervo desses jornais pode ser encontrada no acervo digital do Arquivo Público Mineiro (APM). Verificar: Arquivo Público Mineiro (s. d.).

⁴⁷ Para saber mais sobre o jornal citado, olhar: Nascimento, Oliveira (2006); Pinheiro (2019).

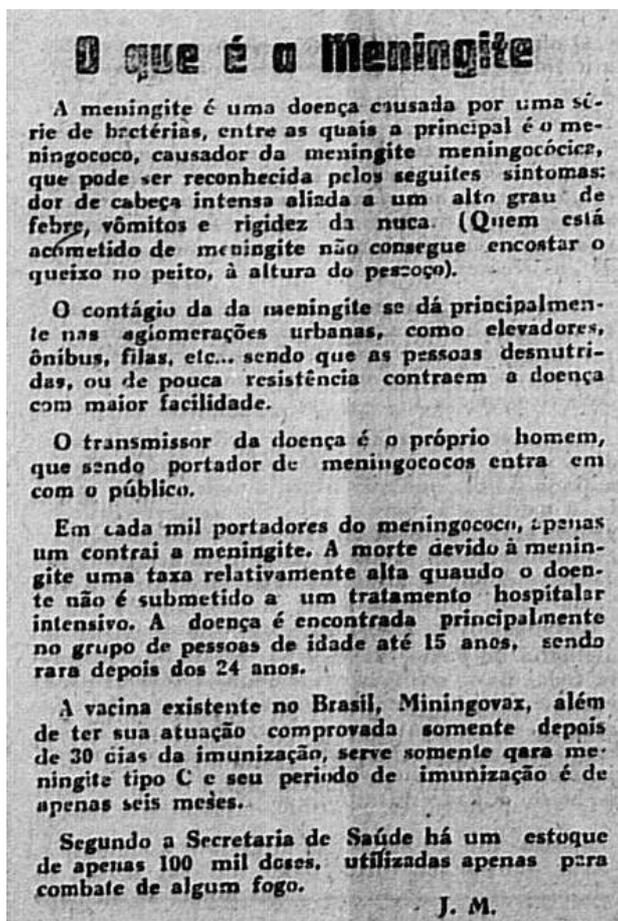
A meningite nas páginas do jornal Voz Diocesana

No início da pesquisa sobre as publicações do jornal *Voz Diocesana*, foi possível perceber que o periódico comumente deixava espaços para questões relacionadas à saúde pública. Com isso, são encontradas entrevistas com médicos, além de textos e dicas relacionadas a diversas enfermidades, dentre as quais está a meningite, que, no período analisado nesta pesquisa, havia se alastrado por todo território brasileiro, ocasionando uma epidemia que vitimou milhares de pessoas.

A primeira publicação que se identificou relacionada à meningite no jornal *Voz Diocesana* é intitulada “O que é meningite”. Nela é possível verificar que o jornal, como o próprio título da matéria reporta, explica o que seria a moléstia. De mais a mais, discorre a respeito de como seriam as formas de contágio, realçando que as aglomerações e os meios de transporte públicos poderiam contribuir para a sua disseminação. É enfatizado também que indivíduos já debilitados poderiam contrair de maneira mais fácil a doença.

O texto salientava que as próprias pessoas eram as transmissoras da meningite e que, se o indivíduo fosse acometido e não recebesse tratamento, poderia vir a óbito. Além disso, descreve que as vacinas estavam sendo produzidas em pequena escala e a que estava em decurso serviria para apenas um tipo da doença.

Figura 2: Explicação do que é a meningite



Fonte: *Voz Diocesana*, Campanha, 31 jul. 1974, s. p.

Cabe complementar que existem vários tipos de meningite⁴⁸; as mais comuns são as do tipo viral, bacteriana e fúngica, além da meningite de parasitas. Em relação a epidemias dessa doença, sabe-se que

[o] Brasil, até hoje, teve três epidemias de meningite bacteriana. Uma, entre 1920, ano do primeiro censo industrial, e 1925. Outra, entre 1945, nos estertores finais da Segunda Guerra Mundial, e 1951. A terceira, que parece ter sido a pior, foi identificada primeiramente como um surto no distrito operário de Santo Amaro, São Paulo, em abril de 1971, e duraria até 1976 (SOUZA, 2020, p. 268).

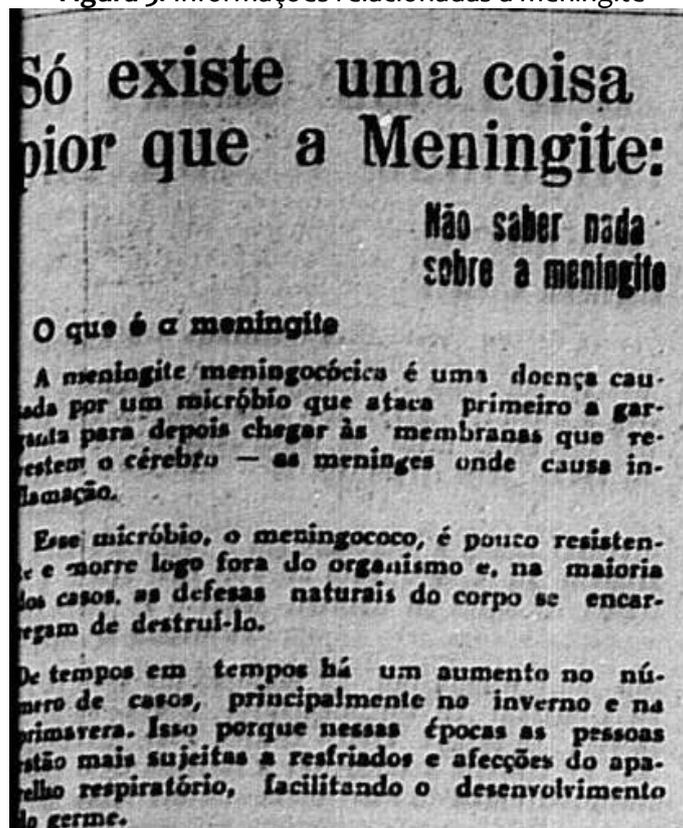
A epidemia aqui descrita deu-se a partir de um surto de *Meningite Meningocócica*, do Sorogrupo C. No que diz respeito a essa doença, o site do Ministério da Saúde (s. d., s. p.) disponibiliza as seguintes orientações:

[...] quanto às faixas etárias preconizadas para vacinação, recomendamos o acesso ao Calendário Nacional de Vacinação do Programa Nacional de Imunizações (PNI). Já a quimioprofilaxia medicamentosa está indicada para contatos de casos de Doença Meningocócica e meningite por *Haemophilus influenzae*. A equipe médica que acompanha o caso, junto com a vigilância epidemiológica local são os responsáveis pelas orientações e aplicação da quimioprofilaxia medicamentosa nos contatos.

Em relação ao jornal, a segunda notícia publicada sobre a meningite foi nomeada de “Só existe uma coisa pior que a Meningite: Não saber nada sobre a Meningite”, essa publicação tenta continuar informando a população sobre os riscos daquela doença.

⁴⁸ Olhar referência: Ministério da Saúde (s. d.).

Figura 3: Informações relacionadas à meningite



Fonte: Voz Diocesana, Campanha, 10 set. 1974, s. p.

Nesse mesmo texto, são descritos os principais sintomas da doença em conjunto com dicas de como evitar contraí-la. Também são apresentadas ações a serem tomadas em caso de dúvida ou suspeita de contágio, além de outras informações a respeito da enfermidade. Percebe-se que o jornal veiculava tais informações de órgãos responsáveis pela prevenção e pelo tratamento da meningite; isso fica evidente em certos trechos: “[a] doença se transmite do doente para outras pessoas por contato próximo como: tosse, fala, espirro e beijo” (Voz Diocesana, Campanha, 10 set. 1974, s. p.), ou “[t]ome banho diariamente e lave as mãos com água e sabão sempre” (Voz Diocesana, Campanha, 10 set. 1974, s. p.). Sabe-se que essas orientações estavam consoantes com aquilo que os profissionais da área da saúde diziam ser a melhor forma de se barrar o adoecimento.

Destaca-se que o jornal estava localizado em uma cidade próxima à fronteira com o Estado de São Paulo, onde havia muitos casos; talvez, por isso, também havia grande temor de que ela adentrasse aquela região e se espalhasse rapidamente.

Como já citado nesta pesquisa, desde 1971 a epidemia de meningite avançava Brasil adentro, no entanto o governo tentava censurar o acesso às informações. Porém,

[n]o início de 1974, o JB⁴⁹ veio noticiando casos que pipocavam em São Paulo, Minas Gerais, Ceará, Rio Grande do Sul, Goiás e Brasília.

⁴⁹ JB: Jornal do Brasil (RJ).

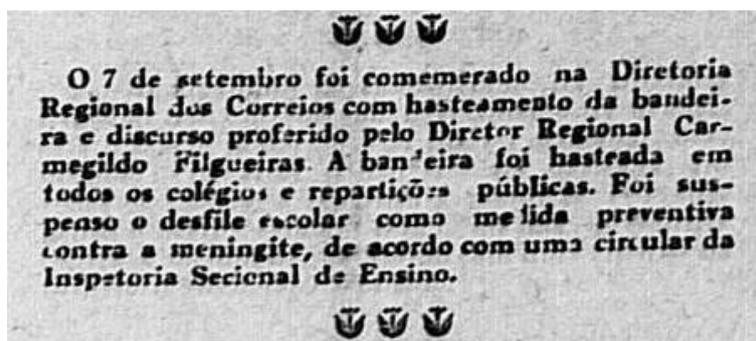
Normalmente em pequenas notícias enviadas por sucursais. Até que, numa tímida matéria, num canto da página 14 da edição de 1º de junho, um título preocupante chamava a atenção: “Meningite aumenta 90% nos primeiros 5 meses”. Daí em diante, só tragédia (BRASIL, 2020, s. p.).

Nesse enfoque, depois de quatro anos em que havia começado o surto de meningite, o grau de preocupação das autoridades se elevou, e, “[f]inalmente, no final de 1975 e a um ônus desnecessário de vidas humanas, a epidemia foi reconhecida e controlada” (SOUZA, 2020, p. 273). Contudo, conforme Souza (2020, p. 266), “[q]uando enfim reconhecida, por força dos fatos, teve de esperar ajuda externa para ser equacionada, evidenciando a incompetência contumaz da tecnocracia da ditadura”. A partir daí, foram tomadas algumas medidas, por exemplo, “[p]ara evitar o contágio, o governo decretou a suspensão das aulas e cancelou os Jogos Pan-Americanos de 1975, que foram transferidos de São Paulo para o México” (AZEDO, 2020, s. p.). O cancelamento desses eventos se deve ao fato de as autoridades de saúde já saberem que

[o] micróbio pode ser transmitido da garganta de uma pessoa a outra, através de gotículas da tosse, espirro e beijo. A meningite nem sempre é transmitida por indivíduos doentes. Algumas pessoas (geralmente adultas) que abrigam o meningococo na garganta podem retransmiti-lo, mesmo sem estarem doentes: são os chamados portadores sãos. A meningite atinge pessoas de todas as idades, sendo as crianças menores de cinco anos normalmente as mais afetadas (FIOCRUZ, 2010, s. p.).

No município de Campanha, não foi diferente: foram tomadas atitudes que evitavam a aglomeração de pessoas, como ressalta uma publicação que descreve que o desfile cívico que iria ocorrer em comemoração ao dia 7 de setembro foi cancelado.

Figura 4: Notícia relativa ao dia 7 de setembro



Fonte: Voz Diocesana, Campanha, 20 set. 1974, s. p.

Em relação ao jornal *Voz Diocesana*, em outra publicação, é trazida uma matéria intitulada “Campanha pelo salário justo”. Nela, é divulgada uma proposição escrita pela Pastoral Operária da Arquidiocese de São Paulo, a qual estava preocupada com a situação econômica do país. Naquele momento, identificava-se que 75 milhões de pessoas estavam ganhando abaixo de um salário mínimo. Nesse texto também é descrito que o salário mínimo

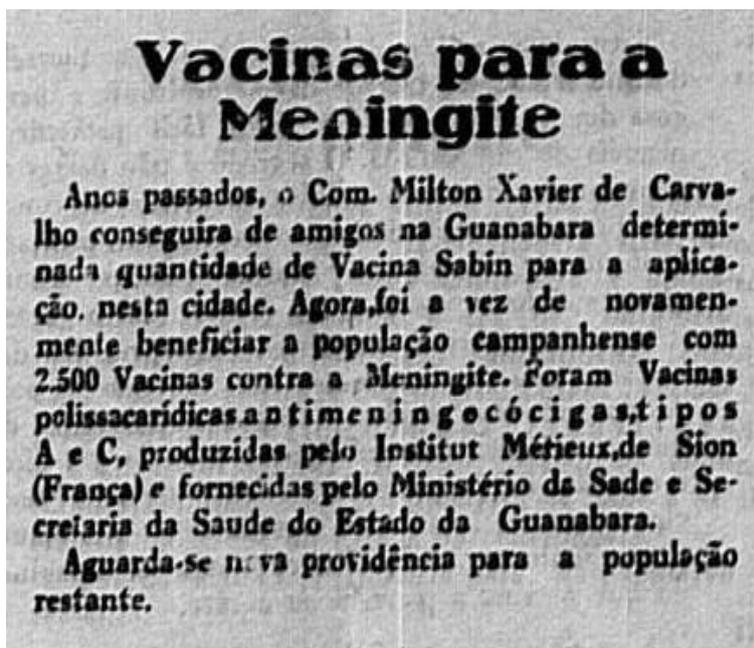
“SÓ EXISTE UMA COISA PIOR QUE A MENINGITE, NÃO SABER NADA SOBRE A MENINGITE”:
ANALISANDO PUBLICAÇÕES ACERCA DA EPIDEMIA DE MENINGITE NO JORNAL VOZ DIOCESANA
(CAMPANHA - MG, 1974 - 1975)

que estava em vigor era muito baixo para a vivência das pessoas. Ademais, é dissertado a respeito da questão de doenças; segundo a matéria,

[a]s famílias subnutridas facilmente contraem doenças. As epidemias de meningite, cólera e desidratação atingem praticamente as localidades de maior concentração operária. Diante disso, as autoridades sanitárias aconselham: alimentar-se bem e evitar as aglomerações. E os operários se perguntam: “Com que dinheiro podemos nos dar a esses luxos?”. Apresentando essas razões; a Pastoral Operária da Arquidiocese [sic] de São Paulo convoca os operários a dirigir-se aos sindicatos, como finalidade de estudar o problema do salário. (VOZ DIOCESANA, Campanha, 20 nov. 1974, s. p.).

Percebe-se, com essa notícia de 1974, que, com a meningite se alastrando de forma rápida entre a população mais pobre, foi ocasionada uma piora na forma de vida dessas pessoas. Nessa época, o Brasil recebeu “[...] 226 mil doses recebidas de um laboratório francês, [...]” (BRASIL, 2020, s. p.). Além do mais, segundo notícia intitulada “Vacinas para a meningite”, em março de 1975, começavam a chegar a Campanha doses dessas vacinas.

Figura 5: Notícia de vacinação contra meningite



Fonte: Voz Diocesana, Campanha, 20 mar. 1975, s. p.

Entrementes, o Brasil passou a produzir a sua própria vacina. Todavia, “[a] epidemia só acabou no ano seguinte, após a vacinação de 80 milhões de pessoas, que seria impossível com a manutenção da censura sobre a meningite pelo governo do general Ernesto Geisel” (AZEDO, 2020, s. p.). Outras localidades do Sul de Minas também começaram a realizar campanhas de vacinação, como é identificada em uma matéria datada de 31 de julho de 1975, com o nome de “Cruzília e a Meningite”. Segundo o jornal, “[a] população do município é

vacinada contra as moléstias infecto-contagiosas e a vacinação contra a meningite, há pouco tempo ali realizada, obteve êxito total. Pode-se afirmar que o resultado foi de cem por cento [...]” (VOZ DIOCESANA, Campanha, 31 jul. 1975, s. p.).

Mesmo após o fim da epidemia, a meningite ainda continua infectando anualmente muitos brasileiros e também pessoas de diversos outros países, sendo que, “[n]os últimos 20 anos, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), foram reportados quase 1 milhão de casos com suspeita de meningite e 100 mil pessoas morreram” (MÉDICOS SEM FRONTEIRAS, 2018, s. p.). Contudo, existe na atualidade, a vacinação em crianças, a fim de que se previna a doença. Outras formas de se evitar a enfermidade é obtendo bons hábitos higiênicos e evitando aglomerações.

Ainda no que se relaciona à doença em si, é sabido, de acordo com informações do Ministério da Saúde, que

[a] meningite é uma inflamação das meninges, membranas que envolvem o cérebro e a medula espinhal. A meningite pode ser causada por vírus ou por bactéria, que é mais grave. O risco de contrair meningite é maior entre crianças menores de cinco anos, principalmente até um ano, no entanto pode acontecer em qualquer idade. A principal forma de prevenir a meningite é por meio da vacinação. No Brasil, a meningite é considerada uma doença endêmica. Casos da doença são esperados ao longo de todo o ano, com a ocorrência de surtos e epidemias ocasionais. A ocorrência das meningites bacterianas é mais comum no outono-inverno e das virais na primavera-verão (MINISTÉRIO DA SAÚDE, s. d., s. p.).

Considerações finais

Conclui-se, com base em estudos correlacionados à história da saúde e das doenças no Brasil, que é necessário evidenciar a importância do trabalho dos profissionais e pesquisadores da área em foco. Entende-se também que pesquisas que elejam como tema principal fragmentos jornalísticos acerca da epidemia de meningite no país são importantes para valorização do trabalho dos jornalistas, uma vez que, mesmo nesse cenário obscuro em que a tentativa de informar a população era identificada como ato subversivo à ditadura, muitos profissionais se dedicaram a levar aos brasileiros informações primordiais para a prevenção e o tratamento da referida doença.

Notabiliza-se, ainda, que essa pesquisa pode ser utilizada para obtenção de conhecimentos inerentes a diversos assuntos de relevância, já que se encontra aqui um breve debate do uso de jornais na pesquisa histórica, assim como a história da imprensa tanto de Campanha, quanto da Diocese e do município em questão; também é dado um recorte de como era feita a abordagem do governo durante a epidemia aliado a um breve estudo a respeito do que é de fato a meningite.

Pelo exposto, entende-se que o resultado do artigo é importante tanto para o entendimento do tema principal, que teve como foco as matérias jornalísticas sobre a meningite publicadas pelo jornal *Voz Diocesana*, quanto para os outros temas diversos que foram elencados e discutidos ao longo da pesquisa.

“SÓ EXISTE UMA COISA PIOR QUE A MENINGITE, NÃO SABER NADA SOBRE A MENINGITE”:
ANALISANDO PUBLICAÇÕES ACERCA DA EPIDEMIA DE MENINGITE NO JORNAL VOZ DIOCESANA
(CAMPANHA - MG, 1974 - 1975)

Referências

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Jornais mineiros**: coleção de jornais mineiros do século XIX. [s. d.]. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/jornais/search.php?query=&andor=AND&title=&tipo_nome=1&text_nome=A&titulo=0&num_edicao=&dtini1=&dtini2=&tipo_nome_local=1&text_nome_local=c&local_edicao=12&filme=&ordenar=10&asc_desc=10&submit=Executar+pesquisa&action=results&id_REQUEST=04f8f9088c685018683a18c2dcc72cob.

AZEDO, Luiz Carlos. O coronavírus e o perigo de comemorar o golpe militar de 1964. **Estado de Minas**, 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/colunistas/luiz-carlos-azedo/2020/04/01/interna_luiz_carlos_azedo,1134457/o-coronavirus-e-o-perigo-de-comemorar-o-golpe-militar-de-1964.shtml.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

D'ARAÚJO, Maria Celina. AI-5: o mais duro golpe do regime militar. **Fundação Getúlio Vargas** – FGV (CPDOC), [s. d.]. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>.

BEATO PADRE Victor. **Biografia**. [s. d.]. Disponível em: <https://padrevictor.com.br/biografia/>.

BRASIL, Bruno. Brasil, 1974: uma epidemia de norte a sul. **Biblioteca Nacional**, 2020. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/brasil-1974-uma-epidemia-norte-sul>

DIOCESE DE CAMPANHA. **Cúria diocesana**, 2016. Disponível em: <http://www.diocesedacampanha.org.br/portal/index.php/curia/curia-diocesana>.

DIOCESE DE CAMPANHA. **A História**. [s. d.]. Disponível em: <http://www.diocesedacampanha.org.br/portal/index.php/diocese/historia>.

FIOCRUZ. **Meningite AC**: sintomas, transmissão e prevenção. 2010. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/meningite-a-c-sintomas-transmissao-prevencao>.

IBGE – Cidades. **Campanha**. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/campanha/historico>.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MONSENHOR JOSÉ do Patronínio Lefort. **Blog Isto é Campanha**. [s. d.]. Disponível em: <http://istoecampanha.blogspot.com/2019/02/monsenhor-jose-do-patroninio-lefort.html>.

MÉDICOS sem fronteiras. **Meningite**. 2018. Disponível em: <https://www.msf.org.br/o-que-fazemos/atividades-medicas/meningite>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Meningite: o que é, causas, sintomas, tratamento, diagnóstico e prevenção. [s.d.]. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/meningites>.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do; OLIVEIRA, Bernardo J. O sexo feminino em campanha pela emancipação da mulher. **Revista Cadernos Pagu**, (29), 2007, p. 429-457. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644835>.

NHÁ Chica. **História**, [s. d.]. Disponível em: <https://www.nhachica.org.br/sobre-a-nha-chica-historia.php>.

PINHEIRO, Carolyn Santiago. Jornais: as diferentes utilizações desta fonte e a luta pela conquista de direitos das mulheres a partir do Jornal O Sexo Feminino no Século XIX. In: NUNES, Francivaldo Alves; GUIMARÃES, Athos Matheus da Silva (orgs.). **I Simpósio Online de História dos Ananins: ensino, pesquisa, extensão**. Ananindeua: Editora Cordovil E-books, 2019, p. 238-243.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

ROSSI, Clóvis. A epidemia do silêncio. **Estadão**, 1974. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,a-epidemia-do-silencio-texto-censurado-de-clovis-rossi-em-1974,70002872715,0.htm>.

SCHNEIDER, Catarina; TAVARES, Michele; MUSSE, Christina. O retrato da epidemia de meningite em 1971 e 1974 nos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo*. **RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação Informação Inovação em Saúde**, out./dez., 9(4), 2015, p. 1-13.

SOUZA, Luiz Eduardo Simões de. A epidemia de meningite da Ditadura Militar. In: ALMICO, Rita de Cássia da Silva; GOODWIN JÚNIOR, James William; SARAIVA, Luiz Fernando. (orgs.). **Na saúde e na doença: história, crises e epidemias: reflexões da história econômica na época da covid-19**. São Paulo: Hucitec, 2020, p. 265-275. Disponível em: http://www.huciteceditora.com.br/_imagens/_downloads/na_saude_e_na_doenca.pdf.

VELOSO, Fernando A.; VILLELA, André; GIAMBIAGI, Fabio. Determinantes do “Milagre” Econômico Brasileiro (1968-1973): uma análise empírica. **RBE**, Rio de Janeiro, v. 62 n. 2, abr./jun. 2008, p. 221-246. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbe/v62n2/06.pdf>.

WANDERLEY, Sonia. História e TV: produção e difusão do saber – a televisão como cenário de representação política. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos et al. (org.). **História e imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A Faperj, 2006.

Jornais

VOZ DIOCESANA. Campanha: 31 jul. 1974. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=585971&pesq=%22meningite%22>.

VOZ DIOCESANA. Campanha: 10 set. 1974. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=585971&pesq=%22meningite%22>.

“SÓ EXISTE UMA COISA PIOR QUE A MENINGITE, NÃO SABER NADA SOBRE A MENINGITE”:
ANALISANDO PUBLICAÇÕES ACERCA DA EPIDEMIA DE MENINGITE NO JORNAL VOZ DIOCESANA
(CAMPANHA - MG, 1974 - 1975)

VOZ DIOCESANA. Campanha: 20 set. 1974. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=585971&pesq=%22meningite%22>.

VOZ DIOCESANA. Campanha: 20 nov. 1974. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=585971&pesq=%22meningite%22>.

VOZ DIOCESANA. Campanha: 20 mar. 1975. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=585971&pesq=%22meningite%22>.

VOZ DIOCESANA. Campanha: 31 jul. 1975. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=585971&pesq=%22meningite%22>.